

Agatha Christie

A MULHER DIABÓLICA



Edição Guinefort

*Para Harry Smith
porque aprecio o modo científico
pelo qual lê meus livros*

1

No CORAÇÃO DO WEST END, em Londres, há diversos bolsões tranqüilos, desconhecidos de quase todo o mundo, à exceção dos motoristas de táxi, que os atravessam com sapiência de peritos, chegando triunfalmente, por via deles, a Park Lane, Berkeley Square ou South Audley Street.

Se você se afastar de uma despreziosa rua que sai do Parque, e depois dobrar à esquerda e à direita uma ou duas vezes, irá dar numa rua tranqüila, com o Hotel Bertram's à direita. O Bertram's já está ali há muito tempo. Durante a guerra demoliram-se casas à direita, e um pouco adiante, à esquerda — só o Bertram's se manteve intocado. Naturalmente, como diria um corretor de imóveis, o prédio não poderia escapar a certos estragos —arranhões, hematomas, cicatrizes, — mas com o dispêndio de apenas uma razoável quantia, foi restaurado e posto tal como era antes. Pelo ano de 1955 mostrava-se igualzinho ao que era em 1939, distinto, sem ouropéis, e moderadamente caro.

Assim era o Bertram's freqüentado, anos a fio, pelos mais altos escalões do clero, por idosas aristocratas vindas do campo e moças que iam passar em casa as férias de suas dispendiosas escolas de aperfeiçoamento. (“Há tão poucos lugares onde uma moça possa hospedar-se sozinha em Londres; mas no Bertram's, claro, não há inconveniente. *Toda a vida* nos hospedamos lá”.)

Claro que havia muitos outros hotéis do tipo do Bertram's. Alguns ainda existem, mas quase todos sofreram as rajadas de vento dos tempos novos. Foram forçados a se modernizar, a procurar uma clientela diferente. E também o Bertram's teve que mudar, — mas fê-lo com tanta inteligência que não se deixa descobrir ao primeiro olhar.

Ao pé da pequena escada que leva às grandes portas de vaivém posta-se um cavalheiro que, à primeira vista, a gente jura que é no mínimo um marechal

de campo: galões dourados e condecorações lhe adornam o peito amplo e viril. Sua postura é impecável. Recebe-nos com carinhosa solicitude, ao emergirmos, com reumática dificuldade, de um táxi ou de um carro particular, e nos encaminha cuidadosamente degraus acima, e nos pilota através da silenciosa porta de vaivém.

Lá dentro — se é essa a primeira vez que você visita o Bertram's, a gente descobre, quase assustada, que reingressou num mundo desaparecido. O tempo andou para trás, e novamente estamos na Inglaterra de Eduardo VII.

Naturalmente que há aquecimento central — mas invisível. Tal como sempre, na grande sala de entrada vêm-se dois magníficos fogões queimando carvão de pedra; ao lado, dois grandes baldes de latão, brilhando como já brilhavam quando as camareiras dos tempos do Rei Eduardo os poliam, estavam cheios de pedaços de carvão do tamanho certo. O ambiente, poder-se-ia dizer de modo geral, que sugeria rico veludo vermelho e um conforto bem estofado. As poltronas não pertenciam a esta nossa era. Erguiam-se bem acima do nível do piso, permitindo assim que as velhas senhoras reumáticas se pusessem de pé sem se verem obrigadas a lutar ridiculamente para executar esse movimento. E os assentos das cadeiras, ao contrário do que agora acontece com as mais caras poltronas, não acabavam a meio caminho entre a coxa e o joelho, causando dores atrozes em quem sofre de artrite ou ciática. E não eram todas de um único modelo. Havia encostos retos e recostos inclinados, e larguras diferentes para acolher os magros e os obesos. Hóspedes de quaisquer dimensões encontravam sempre uma cadeira confortável no Bertram's.

Era a hora do chá, e a sala estava cheia. Não que a sala de entrada fosse o único lugar onde se pudesse tomar chá. Havia uma sala de visitas (fornada com chitão), uma sala de fumar (reservada só para cavalheiros, em virtude de não sei que desconhecida influência) onde as poltronas eram de couro da melhor qualidade; duas salas de correspondência, para onde se poderia levar um amigo e bater um papinho agradável num recanto tranqüilo, — e até mesmo escrever uma carta, se fosse esse o seu desejo. Além dessas amenidades da era eduardiana, havia ainda outros recantos, menos comentados, mas conhecidos daqueles que os

apreciavam. Havia um bar duplo, com dois *barmen*, — um *barman* americano para fazer com que os hóspedes americanos se sentissem em casa, e para os abastecer de uísque de milho ou centeio, e quaisquer espécies de coquetéis; e havia o *barman* inglês, para lidar com as doses de xerez e Pimm's n.º1, e conversar como entendido a respeito dos corredores de Ascot e Newbury com os cavalheiros de meia-idade que vinham hospedar-se no Bertram's no período das corridas mais importantes. E havia ainda, escondida ao fim de um corredor, uma sala de televisão para os apreciadores.

Mas a grande sala de entrada era o local favorito para o chá da tarde. As senhoras idosas gostavam de observar quem entrava e saía, reconhecendo velhos amigos, e reparando o quanto haviam envelhecido. Havia também clientes americanos, fascinados pelo prometido espetáculo: a aristocracia inglesa entregue, de verdade, aos prazeres do seu chá da tarde. Pois que o chá da tarde era realmente um espetáculo, no Bertram's.

Era esplêndido, simplesmente. Quem presidia o ritual era Henry, grande e magnífica figura de homem, cinquentão, com ares paternais, simpático, e com as maneiras cortesãs dessa espécie há muito desaparecida: o perfeito mordomo. Esbeltos jovens davam conta do serviço, sob a austera supervisão de Henry. Usavam-se grandes bandejas de prata, brasonadas, e os bules também de prata, georgianos. A louça, mesmo que não fosse puro Rockingham e Davenport, assim parecia. O serviço mais apreciado era o Blind Earl. O chá da melhor qualidade, procedia da Índia, Ceilão, Darjeeling, Lapsang, etc. Quanto à parte comestível, você poderia pedir o que quisesse — e seria servido!

Nesse determinado dia, 17 de novembro, Lady Selina Hazy, sessenta e cinco anos, vinda de Leicestershire, comia deliciosos *muffins* amanteigados com aquele belo apetite de dama idosa.

Mas não se diga que o seu enlevo com os *muffins* fosse tão grande que a impedisse de olhar vivamente, toda vez que a dupla porta de vaivém se abria para receber um recém-chegado.

E assim, Lady Selina sorriu e, inclinando a cabeça, saudou o Coronel Luscombe, — ereto, porte militar, binóculo de turfe a lhe pender do pescoço.

Velha autocrata que era, Lady Selina fez um imperioso gesto de chamada e, dentro de um ou dois minutos, Luscombe estava ao seu lado.

— Olá Selina, que está fazendo aqui na cidade?

— Dentista — respondeu Lady Selina meio indistintamente, por culpa de um *muffin*. — E pensei que, já estando aqui, o melhor era ir procurar aquele homem de Harley Street para ver a minha artrite. Você sabe quem é.

Embora Harley Street abrigue várias centenas de médicos de renome, que tratam de toda espécie de moléstias, Luscombe sabia a quem ela se referia.

— E adiantou alguma coisa? — perguntou ele.

— Acho que sim — concordou Lady Selina com má vontade. — É um sujeito extraordinário. Me agarrou pelo pescoço quando eu menos esperava e torceu como se fosse um pescoço de frango. — E Lady Selina girou o pescoço com cuidado.

— Doeu?

— Deve ter doído torcendo daquele jeito, mas nem tive tempo de reparar. — E a velhota continuou a mover cuidadosamente o pescoço. — Não sinto nada. Pela primeira vez, nestes últimos anos, posso olhar por cima do ombro direito.

E Lady Selina fez a experiência do movimento; mas de repente disse:

— Olhe; garanto que aquela ali é a velha Jane Marple. Pensei que tivesse morrido anos atrás. Parece que está com cem anos.

O Coronel Luscombe olhou na direção de Jane Marple, assim ressuscitada, mas sem grande interesse; no Bertram's nunca faltava o pequeno contingente que ele costumava chamar “as velhas gatas fofas”.

Lady Selina continuava:

— Aqui é o único lugar em Londres onde se consegue um *muffin*. Imagine que no ano passado, quando estive na América, eles ofereciam uma coisa chamada *muffin* no *menu* do café da manhã. *Muffin* coisa nenhuma: era uma espécie de bolo de chá com passas dentro. Então para que chamar aquilo de *muffin*?

Lady Selina engoliu o último pedaço amanteigado e olhou vagamente em redor. Henry logo apareceu. Não rápida nem apressadamente. Parecia ter surgido

ali de súbito.

— A senhora deseja mais alguma coisa? — E sugeriu atenciosamente: — Bolo, por exemplo?

— Bolo? — Lady Selina pensou nisso, hesitante.

— Estamos servindo um ótimo bolo de cominho que eu recomendo à senhora.

— Bolo de cominho? Faz anos que eu não como bolo de cominho! É bolo de cominho *de verdade*?

— É, sim, minha senhora. O cozinheiro usa essa receita há não sei quantos anos. A senhora vai gostar, tenho certeza.

Henry olhou para um dos seus ajudantes, e o rapaz disparou em busca do bolo de cominho.

— Quero crer que você esteve em Newbury, Derek.

— Estive. Frio como o diabo. Nem esperei os dois últimos páreos. Foi um dia desastroso. Aquela potranca do Harry não vale nada.

— Eu sabia disso. E que me diz de Swanhilda?

— Ficou em quarto. — Luscombe ergueu-se. — Tenho que reservar meu quarto.

Atravessou o saguão em direção à portaria. De passagem, o coronel ia reparando nas mesas e nos seus ocupantes. Impressionante a quantidade de gente que tomava chá ali. Como nos velhos tempos. Desde a guerra que o chá, como refeição, passara da moda. Mas, evidente, isso não se dera no Bertram's. Quem seriam todas aquelas pessoas? Dois cônegos e o Deão de Chislehampton. Sim, e mais um par de pernas com polainas ali no canto — um bispo, sem dúvida! Simples vigários eram escassos. “Precisa pelo menos ser cônego para se dar ao luxo de freqüentar o Bertram's”, pensou o coronel. A arraia-miúda do clero não podia, coitados. Pensando bem, como é mesmo que a velha Selina podia se dar àquele luxo? Só devia dispor de uns dois vinténs de renda por ano. E ali estavam outras velhas ~ Lady Berry, Mrs. Posselthwaite de Somerset, e Sybil Kerr — todas pobres como ratos de igreja.

Pensando ainda nisso, ele alcançou o balcão da portaria, onde foi

gentilmente cumprimentado por Miss Gorringe, a recepcionista. Miss Gorringe era uma velha amiga. Conhecia toda a clientela, e, tal como os membros da família real, jamais esquecia um rosto. Tinha um ar fora de moda, mas respeitável. Cabelo amarelo em caracóis, (sugerindo o emprego de antiquados ferros de frisar) vestido de seda preta, e um busto elevado, sobre o qual repousavam um medalhão de ouro e um broche de camafeu.

— Número quatorze — disse Miss.Gorringe. — Creio que da última vez o senhor ocupou o quatorze e gostou, Coronel Luscombe. É bem sossegado.

— O que me admira é a senhora conseguir lembrar-se sempre dessas coisas, Miss Gorringe.

— Nós aqui gostamos de fazer com que os velhos amigos se sintam bem.

— Vir aqui é como retornar a um passado distante. Parece que nada mudou.

Interrompeu-se ao ver Mr. Humfries, que saía do seu gabinete para o cumprimentar.

Alguns não iniciados muitas vezes tomavam Mr. Humfries pelo próprio Bertram em pessoa. E no entanto *quem* era o verdadeiro Bertram, ou se existira realmente um Mr. Bertram, era indagação cuja resposta se perdia nas brumas da antigüidade. O hotel Bertram's existia desde cerca de 1840, mas ninguém se preocupara em pesquisar a sua história anterior. Bastava a constatação da sua presença, o que representava um fato concreto. Quando o tratavam por “Mr. Bertram”, Mr. Humfries jamais corrigia o engano. Se queriam que ele fosse Mr. Bertram está bem, seria Mr. Bertram. O Coronel Luscombe sabia-lhe o nome, embora ignorasse se Humfries era o gerente do hotel ou o proprietário. E optava pela última hipótese.

Mr. Humfries era homem de uns cinqüenta anos, muito bem educado, com a postura de um Ministro Sem Pasta. Podia, de repente, apresentar uma faceta especial para cada interlocutor. Sabia conversar sobre corridas, *cricket*, política externa, contar anedotas sobre a Família Real, dar informações sobre a Exposição de Automóveis, assistira às peças mais interessantes que estavam em cartaz, dava conselhos sobre os locais que os americanos de passagem deviam

visitar na Inglaterra, por mais curta que fosse a estada deles no país. Sabia informar com segurança o bom local para jantar, de acordo com os gostos e as posses do interessado, fosse ele quem fosse. Apesar disso, não se barateava. Não estava sempre acessível. Miss Gorringe tinha também essas informações nas pontas dos dedos, e podia fornecê-las eficientemente. Mr. Humfries mostrava-se a intervalos intermitentes e breves, como o sol, favorecendo com os raios da sua atenção pessoal um ou outro escolhido.

Era agora o Coronel Luscombe que recebia o raio de sol. Trocaram algumas banalidades sobre turfe, mas o Coronel Luscombe continuava impressionado com o seu problema. E aqui estava o homem que o poderia resolver.

— Escute aqui, Humfries, será que todas essas velhotas têm posses para se hospedar aqui?

— Ah, o senhor está intrigado com isso? — Mr. Humfries parecia divertido. — Bem, a resposta é simples. Elas não têm posses para tanto. A menos...

E Mr. Humfries fez uma pausa.

— A menos que se façam preços especiais para elas. Certo?

— Mais ou menos. Em geral elas não se apercebem de que os preços são especiais — ou se se apercebem, pensam que é concessão especial a clientes antigas.

— E não é isso mesmo?

— Bem, Coronel Luscombe, eu *dirijo* um hotel. Não posso me dar ao luxo de perder dinheiro.

— E qual é então o lucro que você tem?

— É uma questão de atmosfera... Os estrangeiros que vêm à Inglaterra (especialmente os americanos que são os que gastam dinheiro), têm lá as suas idéias a respeito da vida inglesa. Não me refiro, o senhor compreende, aos tubarões milionários que vivem atravessando o Atlântico: esses vão para o Savoy e o Dorchester; querem decoração moderna, comida americana, tudo que os faça sentirem-se como em casa. Mas há um tipo de viajantes que vêm à Europa

espaçadamente, e que esperam encontrar uma Inglaterra — bem, não digo a Inglaterra de Dickens, — mas leram *Cranford* e Henry James e não lhes agrada encontrar uma Inglaterra igual à terra deles! De modo que, conhecendo-nos, quando chegam à América, contam: “Existe em Londres um lugar formidável: chama-se Hotel Bertram's. É o mesmo que a gente recuar um século, e encontrar a *velha Inglaterra!* O pessoal que se hospeda lá não se encontra mais em lugar nenhum. Umas velhas duquesas estupendas. Servem todos os pratos ingleses tradicionais, como por exemplo um maravilhoso pudim de *beefsteak!* Em parte alguma do mundo você prova coisa igual. E imensos bifés de alcatra, e lombos de carneiro, e o chá inglês à moda antiga, e o puro pequeno almoço britânico. E, é claro, todas as coisas usuais também. E é maravilhosamente confortável. E bem aquecido. Grandes lareiras de lenha em toros.” Mr. Humfries parou com a imitação do americano e permitiu-se a sombra de um sorriso.

— Estou entendendo — comentou Luscombe pensativo. — Esse pessoal, esses aristocratas decadentes, esses membros empobrecidos da velha nobreza latifundiária, funcionam praticamente como *mise-en-scène*?

Mr. Humfries fez que sim com a cabeça.

— O que me deixa intrigado é que ninguém mais tenha pensado nisso, É verdade que já encontrei o Bertram's praticamente pronto, carecendo apenas de um dispendioso trabalho de restauração. Todos os nossos freqüentadores imaginam que o Bertram's é um local que eles descobriram sozinhos e do qual ninguém mais tem notícia.

— Então — observou Luscombe — essa restauração saiu caríssima?

— Sim, saiu cara. O hotel tem que parecer contemporâneo de Eduardo VII e, ao mesmo tempo, oferecer todo o conforto moderno de qualquer hotel atual. As nossas velhotas — se me permite referir-me assim a elas — precisam sentir que nada mudou aqui, desde o começo do século, e os nossos clientes estrangeiros devem sentir que, embora num cenário vitoriano, eles podem gozar de todos os confortos a que estão habituados no seu país — e sem os quais não podem viver!

— É um pouco difícil, às vezes, não? insinuou Luscombe.

— Não é muito difícil, não. Por exemplo, o aquecimento central. Os americanos exigem, ou antes, têm necessidade de pelo menos mais dez graus Fahrenheit de calor ambiente do que os ingleses. Nós então dispomos de dois tipos de quartos, completamente diferentes. Num dos grupos instalamos os ingleses, no outro os americanos. Os quartos parecem todos iguais, mas na realidade são bem diferentes: barbeadores elétricos, chuveiros, além de banheiras em alguns dos quartos de banho, e quem quer um pequeno almoço americano, é servido — cereais, suco de laranja gelado, e tudo o mais — e, a quem prefere, é servido o pequeno almoço inglês.

— Ovos e toucinho?

— Sim, e muito mais, se o senhor assim o quiser: salmão e arenque defumado, rins, galinhola fria, presunto de York, geléia de Oxford.

— Vou procurar me lembrar disso tudo, amanhã pela manhã. Em casa a gente não consegue mais comer nada disso.

Humfries sorriu:

— A maior parte dos cavalheiros pede apenas ovos com toucinho. Já deixaram — bem, já perderam o hábito dessas coisas a que antigamente estavam acostumados.

— Sim, é mesmo... Lembro-me de quando era criança... Os aparadores gemendo ao peso dos pratos quentes. Sim, vivia-se com muito luxo.

— Procuramos dar aos clientes tudo que eles nos pedem.

— Inclusive bolo de cominho e *muffins*... sim, entendo. A cada um, de acordo com a sua necessidade — entendo... Bem marxista.

— Perdão, não entendi.

— Um pensamento que tive, Humfries. Os extremos se tocam.

O Coronel Luscombe deu meia-volta e afastou-se levando consigo a chave que Miss Gorringe lhe dera. Um dos mensageiros perfilou-se e o encaminhou ao elevador. De passagem o Coronel viu que Lady Selina Hazy estava sentada ao lado de sua amiga Jane Não-Sei-de-Quê.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

